

Percepção de risco econômico dos agricultores da agricultura familiar em relação à sustentabilidade de seus empreendimentos na região oeste do Paraná

ELISIANE SALZER

UNIOESTE

s_elisiane@yahoo.com.br

EDISON LUIZ LEISMANN

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE

elleismann@gmail.com

ELZA HOFER

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE

elza_hofer@uol.com.br



PERCEP3O DE RISCO ECON3MICO DOS AGRICULTORES DA AGRICULTURA FAMILIAR EM RELA3O 3 SUSTENTABILIDADE DE SEUS EMPREENDIMENTOS NA REGI3O OESTE DO PARAN3

Resumo

O risco esta presente no dia a dia das organiza3es, inclusive na agricultura que tem seu vi3 relacionado nos riscos econ3micos, ambientais, de mercado e produ3o. Assim, o objetivo da pesquisa 3 avaliar a percep3o de risco de continuidade dos agricultores familiares associados a ACEMPRE, no munic3pio de Marechal C3ndido Rondon – PR. Os dados foram obtidos a partir de pesquisa realizada diretamente com os associados no per3odo de 23 de junho a 25 de julho de 2017 e foram processados com o software SPSS, a partir de estat3stica descritiva e cruzamento dos dados. Os resultados mostram que a jun3o dos agricultores em forma de associa3o auxilia na comercializa3o dos produtos org3nicos e em sua totalidade aumentou sua renda com a produ3o de org3nicos. Conclui-se que a atividade 3 de suma import3ncia para agregar valor a produ3o e conseqüentemente manter a fam3lia no campo. Com a identifica3o do risco os produtores ponderam a concorr3ncia com produtos convencionais o principal fator. Quanto a avalia3o dos riscos consideram pouca diversidade de produtos org3nicos e a falta de recurso para investimentos. As a3es realizadas pelos mesmos, para amenizar os riscos advindos da produ3o a diversifica3o 3 a sa3da apontada por 48,40% dos produtores.

Palavras-chave: Agricultura familiar; Agroecologia; Risco da Agricultura.

Abstract

Risk is present in organizations' daily lives, including agriculture that has its related bias in economic, environmental, market and production risks. Thus, the objective of the research is to evaluate the perception of risk of continuity of family farmers associated with ACEMPRE, in the municipality of Marechal C3ndido Rondon - PR. The data were obtained from a survey conducted directly with the associates from June 23 to July 25, 2017 and were processed with SPSS software, based on descriptive statistics and data crossing. The results show that the association of farmers in the form of association helps in the marketing of organic products and in its totality increased their income with the production of organic. It is concluded that the activity is of utmost importance to add value to production and consequently to keep the family in the field. With the identification of the risk the producers ponder the competition with conventional products the main factor. Regarding the risk assessment, they consider little diversity of organic products and lack of resources for investments. The actions undertaken by them, to mitigate the risks arising from production, diversification is the output indicated by 48.40% of the producers.

Keywords: Family farming; Agroecology; Agricultural Risk.



1 Introducao

A agricultura nos anos 80 foi fomentada pelo governo para uma producao em grande escala, implantando politicas publicas para alavancar as “commodities”, ou seja, voltadas para os setores mais capitalizados, nao dando abertura para os pequenos produtores familiares, pela exigencia de garantias pelo sistema nacional financeiro, em contrapartida de recursos para financiar suas atividades. (Camarotto, Leismann, Melo, Mioranza, Carvalheiro & Wittmann, 2015).

Porém, a agricultura familiar tem um alto grau de importancia, sendo responsavel pela metade da producao alimenticia mundial. Alicercando que mesmo os empreendimentos sendo pequenos, devem ser gerenciados de forma a atender a demanda mundial de alimentos. (Dogliott, Garcia, Peluffo, Dieste, Pedemonte, Bacigalupe, Scarlato, Alliaume, Alvarez, Chiappe & Rossing, 2014).

Outro fator, destacado por Santos, Siqueira, Araujo e Maia (2014), e que as praticas agroecologicas desenvolvidas pelos agricultores familiares podem corroborar para a permanencia destas, no campo, tendo um manejo sustentavel do solo, preservacao dos recursos naturais e a comercializacao dos produtos de forma direta.

Mas a producao em grande escala, oriunda da agricultura convencional, tem ocasionado uma grande diferenca social no ambito rural, excluindo os produtores que possuem pequenas propriedades, com pouca eficiencia e com restricoes financeiras. (Redin, 2015).

Em contraponto da agricultura convencional, que de acordo com Alves e Guivant (2010), causa inumeros problemas, como a degradacao do meio ambiente e elevado custo de producao e diminuicao de renda, surge debates sobre qual seria a agricultura desejavel de forma social, economicamente sustentavel e preservando o meio ambiente.

Uma solucao, vislumbrando uma maior competitividade dos agricultores, esta ligada a agricultura sustentavel, ou seja, uma producao seguindo o tripé da sustentabilidade, economico, social e ambiental, portanto, ambientalmente sustentavel, socialmente justa e economicamente viavel. (Alves & Guivant, 2010). Para Silva e Leismann (2017), o agronegocio passa pela sustentabilidade ambiental em seus aspectos economicos, social e ambiental, trazendo retorno financeiro aos agricultores e assim mantendo-os no campo, com melhor qualidade de vida e ainda preservando o meio ambiente.

A producao sustentavel, seguindo a adocao das praticas agroecologicas nas pequenas propriedades e dita por Assis e Romeiro (2005), como sendo um vies para reducao dos riscos economicos da atividade agricola nas pequenas propriedades.

A potencialidade economica nas pequenas producoes, que se enquadra a agricultura familiar, esta focada, segundo Wilkinson (2013), a partir de experiencias, que se associam a competitividade e crescimento, a um espaco determinado. Destaca a importancia do trabalho em forma de cooperacao, em grupos, considerando como inovacao, para estes produtores, os conhecimentos dinamicos interpessoais e de proximidade das propriedades.

A Acempre – Associação Central de Produtores Rurais Ecológicos surgiu no ano de 1992 a partir de necessidades comuns dos pequenos produtores familiares para comercializacao e reducao dos custos voltados para uma producao livre de agrotóxicos. Busca construcao de conhecimentos e experiencia de agricultores, voltando para uma producao diversificada com acoes que promovem o bem-estar das pessoas: economica, cultural, social, politica, ambiental, ou seja, obedecendo aos tres pilares da sustentabilidade.

Desta forma, levanta-se o seguinte questionamento: **Dada a evolucao tecnologica e os ganhos de escala na producao de alimentos, qual a percepcao de risco de continuidade (Sustentabilidade Economica) dos agricultores familiares associados a ACEMPRE?**



As estratégias de trabalho da Acempre são com assessorias, apoio a transformação e comercialização dos produtos para uma melhor competitividade. Assim para responder este questionamento, o objetivo principal da pesquisa é avaliar a percepção de risco de continuidade (Sustentabilidade econômica) dos agricultores familiares associados a ACEMPRE. Para alcance do objetivo principal, realizou-se um levantamento dos dados de perfil dos agricultores e de suas propriedades rurais e a percepção do risco econômico dos empreendimentos; avaliar a percepção de risco para a sustentabilidade econômica dos empreendimentos da agricultura familiar, dada a concorrência dos produtos tradicionais; e relacionar a percepção do risco econômico com os dados de perfil dos proprietários e com as características de inovação tecnológica das propriedades rurais da agricultura.

Este trabalho justifica-se pela importância que a agricultura familiar representa na produção mundial de alimentos, e a concorrência que a atividade encontra frente a agricultura convencional. Assim o estudo pretende demonstrar a percepção dos produtores quanto ao risco da continuidade destes na atividade agrícola, de modo a apresentar ganhos teóricos e práticos nesta área, para permanência dos mesmos no campo, evitando o êxodo rural.

2 Agricultura Familiar

A agricultura familiar pode ser descrita como a propriedade em que a maioria dos trabalhos é realizada por pessoas que mantêm um vínculo familiar, sendo que 40% da produção agrícola são oriundos da agricultura familiar, a mesma gera mais de 80% de ocupação no setor rural, além de ser responsável no Brasil de 7 a cada 10 empregos gerados no campo. (CONAB, 2012).

Na mesma linha Savoldi e Cunha (2010), corroboram descrevendo que a agricultura familiar não é entendida como um trabalho familiar, o que a diferencia da maioria das formas de produção é o papel da família como alicerce da organização da reprodução social. A forma de exploração agrícola familiar conjectura uma unidade de produção onde o local e o trabalho estão ligados à família.

Um modelo agrícola familiar bem estruturado é econômica e socialmente eficiente e sensível às questões ambientais, assim podendo se afirmar sua crescente forma sustentável e duradoura. (Gehlen, 2004). O autor ressalta ainda as lutas sociais, de imposição para que o setor agrícola familiar desenvolvesse um conceito positivo, pela autoestima crescente, sendo reconhecido pela sociedade.

Para garantir sucesso na atividade agrícola, o pequeno agricultor familiar deve tratar sua propriedade como um empreendimento, buscando técnicas inovadoras para que se mantenham competitivas frente à agricultura convencional. O agricultor precisa estar sempre buscando atualizações técnicas e administrativas e ainda o desenvolvimento de um perfil mais disposto a correr riscos. (Weber, Morgan & Winck, 2016).

O empreendedorismo é destacado pelos seus processos inovadores, mas na agricultura familiar o simples fato de tirar leite da vaca e produzir o queijo com o mesmo já significa uma inovação. Mas existem algumas barreiras que prejudicam o agricultor familiar se transformar em um empreendedor, como a ausência de liderança, o baixo estudo e o costume de preservar a produção não buscando inovação. (Tomei & Souza, 2014).

Uma das formas de buscar esta inovação na agricultura familiar é o cultivo de produtos orgânicos, caracterizada como uma produção contrária dos alimentos tradicionais, visando à redução dos danos ambientais, uma melhor qualidade de vida e uma alimentação mais saudável. (Neto, Denuzi, Rinaldi & Staduto, 2010).



2.1 Inovação Tecnológica na Agricultura

A necessidade de inovar constantemente na era da globalização em que vivemos, também atinge a atividade agrícola. A tecnologia não deve ser apenas analisada no processo e produto, mas a capacitação gerencial para enfrentar mudanças sociais e econômicas. (Lima, 2005).

O principal responsável pelas inovações e também administrador das mudanças, para atingir o desenvolvimento sustentável, no âmbito da agricultura familiar é o produtor. (Weber, Morgan & Winck, 2016).

A inovação sustentável considera os aspectos naturais agregados à responsabilidade socioambiental, refletindo na concorrência comercial, onde a competitividade está interligada a novos produtos com abrangência ambiental, social e econômica. (Damasceno, Aquino, Vasconcelo, Reis & Barcelos, 2011).

Neste sentido a tecnologia e o desenvolvimento sustentável têm relação direta com a exploração de recursos naturais. No início da modernização da agricultura surgiram vários questionamentos relativos à conservação do solo, com problemas da erosão e as doses crescentes de adubos colocados na terra para aumentar a produção. Para amenizar estes problemas foram introduzidas técnicas de adubação verde com objetivo de melhorar e preservar a fertilidade do solo. Surge então a produção agroecológica que o pequeno agricultor vê como possibilidade de agregar valor à produção e ter diversificação na produção. (Savoldi & Cunha, 2010).

A agricultura familiar com base na produção orgânica e a agricultura convencional têm modos diferentes de lidar com as tecnologias e inovações. A agricultura convencional esta intrinsecamente relacionada a uma produção com uso intenso de agrotóxicos, compostos químicos para controle de pragas, uso de sementes geneticamente modificadas e uso de maquinários. Enquanto a agricultura orgânica ou familiar, não utiliza pesticida, tem a rotação de culturas, e compensa a ausência de equipamentos com a inovação dos processos produtivos e a adoção de novos métodos organizacionais e de comercialização de seus produtos. (Arantes, 2014).

Cardoso, Cauchick Miguel e Casarotto Filho (2015), corroboram ressaltando que a inovação agrícola passa pelos fundamentos da sustentabilidade, como a definição de critérios para o uso de fertilizantes, aumento da produtividade e melhora do produto, redução de custos, produção orgânica e incentivo à autonomia da produção familiar com panorama de melhoria da qualidade de vida e da renda. Portanto, a inovação é aplicada tanto nas questões da produtividade quanto nas relações do homem com a terra, e do desenvolvimento sustentável.

2.2 Competitividade, Risco e Concorrência

O trabalho moderno exige qualificação constante, já na agricultura familiar quanto mais moderno, mais complexa a qualificação tendo que deixar de lado os saberes tradicionais e se adaptar a outros conhecimentos mais técnicos. Esta mudança de paradigmas põem em risco as condições de reprodutibilidade econômica, social e cultural dos pequenos produtores familiares (Gehlen, 2004). O autor destaca ainda que essa mudança das técnicas utilizadas referencia-se na competitividade, tanto entre os agricultores modernizados e/ou os em transição, quanto entre os produtores tradicionais.

A competitividade na agricultura não está apenas ligada a produção e da produtividade, está intrinsecamente relacionada com as características exigidas pelos consumidores na hora da compra. (Sepulcri, 2011).



Cardoso (2016) faz uma comparação entre a agricultura convencional e a agroecologia. Para ele a convencional prejudica o futuro, causando riscos ambientais e contribui para a desigualdade social, sempre na busca do lucro máximo no menor tempo, já a agroecologia visa a sustentabilidade, não tem o objetivo de produção intensa de alimentos, mas a de cultivar os alimentos.

A definição de risco é apresentada na norma ISO: 31.000 (2011), como sendo o efeito que as incertezas têm sobre os objetivos da organização. Sendo que efeito é um desvio em relação ao esperado e os objetivos podem ter diferentes aspectos, podendo ser financeiras, saúde, segurança ou ambiental.

Ainda na ISO, é apresentado que o risco deve ser identificado, verificando qual a possibilidade de ocorrência do mesmo, após deve ser analisado, para verificar qual a possibilidade e impacto do risco acontecer e por final deve ser feita a avaliação analisando se existem ações que possam ser feitas para combater o risco.

São diversos os tipos de riscos que uma organização pode incorrer, visto que o mesmo está presente em qualquer tipo ou modelo de organização, podendo ser, risco de crédito, risco legal, risco de mercado, risco operacional, risco estratégico, risco de liquidez e risco ambiental. (Klann, Kreuzberg & Beck, 2014).

Os riscos estão presentes no nosso dia a dia das organizações. Na agricultura os riscos estão relacionados à produção, mercado, pessoal e financeiro. (Sepulcri, 2011 e Lima, 2005). Lima (2005) corrobora ainda destacando há existência de um risco específico da atividade agrícola, a perda da produção ocasionada pelo clima. Ressalta ainda que os produtores orgânicos tem um risco adicional pela contaminação da produção com agrotóxicos usados nas propriedades vizinhas.

A seca, cada vez mais frequente e duradoura com as mudanças climáticas, pode ser responsável por grandes impactos socioeconômicos no mundo, fazendo-se necessário uma boa gestão de risco, por parte dos agricultores, para amenizar as perdas. (Costa, Holanda & Ambrona, 2016).

O risco da produção está relacionado às condições climáticas, com surgimento de pragas ou ainda com mudanças tecnológicas. O risco de mercado pode ser caracterizado pela oscilação do preço do produto no mercado e com a relação do agricultor com os fornecedores e clientes. O risco humano ou pessoas está relacionado com a doença ou invalidez do produtor ocasionado pelo trabalho na atividade agrícola e ainda desavenças familiares que ocasionem a quebra do contrato de trabalho. E o risco relacionado ao setor financeiro ocorre com a variação das taxas de juro, perdas financeiras e falta de liquidez. (Sepulcri, 2011 e Lima 2005).

O risco econômico das pequenas propriedades tem redução quando estes tem sua produção voltada às práticas agroecológicas. Com foco da sustentabilidade a agroecologia tem a diversificação da produção, trazendo ao pequeno agricultor a vantagem de estabilidade na renda durante o ano, reduzindo as perdas com a sazonalidade, dando mais segurança, pois reduz risco de diminuir a renda se uma das culturas não atingir o patamar esperado devido a ocorrências climáticas ou até mesmo de pragas. (Neto *et al.*, 2010).

Estratégias complementares para administrar os riscos da atividade, além da diversificação da produção seguindo orientações técnicas, de acordo com Atamanczuk e Gasparelo (2015), são as reservas financeiras e contratos de venda da produção para assegurar a inserção do produto no mercado.

Neto *et al.* (2010) destaca ainda que a agricultura familiar renovada é uma nova estratégia de mercado para amenizar riscos, demandando uma transformação de produtores tradicionais e ainda a pesquisa de novas práticas ecológicas e sustentável, na medida em que o consumidor se torne fiel e exigente a este produto.



2.3 Sustentabilidade

O desenvolvimento sustentável tem seu conceito inicial nos anos 1980, durante a Comissão de Brundtland, sendo definido como o modo que a sociedade satisfaz suas necessidades sem comprometer as gerações futuras. Emergindo, a partir deste momento, na sociedade um nível de preocupação maior com o uso racional dos recursos naturais. (Scharf, 2004)

Em 1990 um novo posicionamento em torno do desenvolvimento sustentável ou sustentabilidade foi elaborado pelo John Elkington, concluindo que além do aspecto ambiental, deveriam ser abordados também o econômico e social. Desta maneira, este novo conceito foi denominado “*triple bottomline*” ou tripé da sustentabilidade, no qual os três pilares alicerçam o conceito principal. O pilar econômico identifica o objetivo principal de uma organização que visa o lucro, o pilar social, remete aos benefícios de cunho social proporcionados pelas organizações e o último, relacionado a questão ambiental, está ligado a relação da empresa com o meio ambiente, onde os recursos demandados pela atividade devem estar em consonância com o conceito inicial de desenvolvimento sustentável (Boff, 2014).

Os três aspectos abordados, de acordo com Estender e Pitta, (2008), devem ser vistos em conjunto para que a sustentabilidade ocorra de forma efetiva, pois ao atender as três dimensões a organização consegue atingir a sustentabilidade englobando todos seus aspectos.

A agricultura tem relação direta com o desenvolvimento sustentável, pois, associa-se com o uso de recursos naturais. O uso inadequado do meio ambiente, para produção em grande escala afeta os recursos naturais, por isso é de suma importância alcançar a sustentabilidade na agricultura, buscando as três dimensões de sustentabilidade sendo um sistema agrícola economicamente viável, socialmente justo e ecologicamente sustentável. (Santos & Cândido, 2013).

O desenvolvimento rural sustentável está integrado à agricultura sustentável, e pode ser estabelecida como um método de mudança no sistema de produção rural. A agricultura sustentável abrange várias áreas rurais, como o crescimento econômico, melhor condições sociais, permanência no campo de valores naturais e culturais, além de envolver o trabalho, tecnologia, saberes, políticas, ou seja, diversas áreas da vida do campo. (Alves & Guivant, 2010).

A agroecologia é definida por Capotal e Costabeber (2009), como uma ciência para o futuro sustentável. Os autores ressaltam que tem como princípio a mudança gradual nas formas de manuseio dos agroecossistemas, de uma agricultura vinda de modelo agroquímico de produção, para uma agricultura que insira princípios e técnicas de base ecológicas. Como estas mudanças referem-se a um processo social, dependendo de intervenção do homem, a transição agroecológica não provoca somente uma maior racionalização econômica-produtiva, mas também numa mudança nas atitudes e valores dos atores sociais em relação a conservação dos recursos naturais.

No que tange a sustentabilidade econômica de seus investimentos, os produtores estão utilizando mecanismos de gerenciamento dos recursos financeiros de forma preventiva. Uma forma encontrada para amenizar possíveis perdas, e não afetar o lado financeiro é a contratação de seguros agrícolas. Outro fator importante é diversificação dos produtos que está integrada na produção sustentável agroecológica, pois se um produto apresentar quebra de safra terá outros para amenizar o setor financeiro. (Atamanczuk & Gasparelo, 2015).

A produção agroecológica não oferece uma teoria formada sobre desenvolvimento rural e tão pouco sobre métodos do conhecimento técnico. Mas busca através de conhecimentos e experiências acumulados pelos produtores, ou em ações participativas, um método para contribuir na transformação social necessária, para gerar padrões de produção e um consumo sustentável. (Capotal & Costabeber, 2009).



2.4 Associativismo

O desenvolvimento sustent3vel voltado a agroecologia usa como t3cnica primordial o associativismo. Um exemplo da for3a do associativismo est3 demonstrado no trabalho do CAB - Cultivando 3gua Boa (2016), realizado em conjunto com a Itaipu Binacional que tem como pilar o associativismo. O CAB viabiliza parcerias entre os produtores e diversas associa3es de produtores que v3o de produtos org3nicos, familiares e apicultores. Destacam a import3ncia desta parceria, pois antes os agricultores dependiam de terceiros para vender seus produtos o que reduzia sua renda.

Para Rodrigues (2005), a uni3o dos pequenos produtores org3nicos em forma de cooperativa traz in3meros benef3cios quando bem estruturada, pois passa a ter maior volume e diversifica3o dos produtos.

O associativismo desempenha um papel importante na agricultura, devido as dificuldades encontradas pelo produtor, tanto no pr3prio sistema agr3cola, como por falta de incentivos por parte do setor p3blico. O cooperativismo 3 uma forma de economia solid3ria, em que os produtores ou associados compram e vendem em conjunto, a fim de unir for3as na busca de benef3cios com a redu3o de custos e maior participa3o no mercado. (Santos & C3ndido, 2013).

O minist3rio da agricultura, pecu3ria e abastecimento (2016), elenca que a mudan3a da participa3o individual para a participa3o em associa3es fomenta a capacidade produtiva e comercial de todo o grupo, melhorando a viabilidade da atividade rural e melhorando o retorno financeiro. Enfatiza ainda a vantagem com o compartilhamento de experi3ncias, bem como do custo da assist3ncia t3cnica, do veterin3rio e de capacita3es profissionais.

A uni3o dos agricultores em associa3es de acordo com Santos e C3ndido (2013), fortalece a estrutura do mercado e no caso dos produtores agroecol3gicos, disponibiliza a participa3o em feiras e ainda ao programa criado pelo governo federal o PPA – Programa de Aquisi3o de Alimentos, que obriga as escolas p3blicas a inserir em suas compras para a merenda escolar, em pelo menos 30%, de produtos org3nicos oriundas de produtores familiares de cada munic3pio.

3 Metodologia

Com o objetivo de avaliar a percep3o de risco econ3mico dos agricultores da agricultura familiar em rela3o 3 continuidade de seus empreendimentos, realizou-se pesquisa com os agricultores familiares associados a ACEMPRE, de modo a levantar os dados de perfil dos agricultores e de suas propriedades rurais e a percep3o do risco econ3mico dos empreendimentos; avaliar a percep3o de risco para a sustentabilidade econ3mica dos empreendimentos da agricultura familiar, dada a concorr3ncia dos produtores tradicionais e relacionar a percep3o do risco econ3mico com os dados de perfil dos propriet3rios e com as caracter3sticas de inova3o tecnol3gica das propriedades rurais da agricultura familiar.

Este estudo trata-se de um m3todo quantitativo, onde se selecionou a ACEMPRE- Associa3o Central dos Produtores Rurais Ecol3gicos, que tem sua unidade de atendimento no munic3pio de Marechal C3ndido Rondon – PR, e conta como a parceira no que tange a assist3ncia t3cnica o CAPA – Centro de Apoio e Promo3o da Agroecologia. Atualmente a associa3o ACEMPRE, conta com 38 (trinta e oito) fam3lias de produtores, com cadastro ativo, que realizam a comercializa3o dos produtos com a associa3o e tamb3m participam do programa PNAE (Programa Nacional de Alimentaa3o Escolar), onde comercializam a produ3o agroecol3gica com 3rg3os governamentais (Prefeitura).

A coleta de dados foi atrav3s de aplica3o de question3rios, onde se levantou os dados do perfil do agricultor e da propriedade, a percep3o frente aos riscos econ3micos dada a



concorrência com os produtos convencionais. O questionário continha 16 questões fechadas, sendo que o objetivo do mesmo foi avaliar a percepção de risco de continuidade (sustentabilidade econômica) dos agricultores associados a ACEMPRE.

A unidade integrante da pesquisa possui 38 (trinta e oito) associados sendo aplicado o questionário em sua totalidade de associados, entre os dias 23 de junho e 25 de julho, sendo que 31 (trinta e um) questionários retornaram respondidos, ou seja, 81,58% de retorno, permitindo assim um nível de confiança de 68,26% e uma margem de 4% de erro.

Os dados da pesquisa foram processados usando o programa Statistical Package for the Social Sciences – SPSS. Posteriormente os resultados são apresentados por meio de gráficos e analisados mediante o emprego da estatística descritiva.

4 Análise dos resultados

Neste item são apresentados os resultados, análises e discussão dos dados coletados nesta pesquisa. A segmentação por gênero demonstrou que 61,30% são do sexo feminino e 38,70% são do sexo masculino. Quanto à idade, a maioria dos respondentes está na faixa etária de 41 a 60 anos, ou seja, 45,20%, entre 25 a 40 anos e acima de 60 anos possuem a mesma quantidade de respondentes, 25,80% e apenas 3,2% respondente possui até 25 anos.

Os dados levantados na pesquisa demonstram que o nível de escolaridade de 61,30% dos respondentes é o ensino fundamental completo ou incompleto, 19,40% possuem o ensino médio completo ou incompleto e 9,70% dos respondentes possuem ensino superior completo ou incompleto e o mesmo percentual possui pós-graduação completo ou incompleto. Estes dados demonstram que 19,40% dos respondentes iniciaram um curso superior e 9,7% deles concluíram e ainda iniciaram uma pós-graduação, o que demonstra que nos dias atuais a busca de conhecimento esta presente nas pequenas famílias da agricultura orgânica. Por outro lado, a grande maioria (80%) dos agricultores, já fora da idade normal de estudo, tem formação até ensino médio, sendo 61,30% com apenas o ensino fundamental, o que implica em dificuldades de absorção de inovação tecnológica neste setor.

A atividade na produção agrícola orgânica, é desenvolvida por 41,9% dos respondentes a menos de 5 anos, portanto, a atividade é recente. O inverso é apresentado no que tange que 32,30% dos respondentes estão na atividade a mais de 20 anos, sendo que 16,10% respondentes estão entre 6 a 10 anos na atividade e 9,7% estão de 11 a 20 anos. Estes dados demonstram a importância da atividade orgânica familiar, pois 42,00% dos produtores estão na atividade acima de 11 anos e seguindo a mesma linha provavelmente pelo sucesso visto pelos agricultores mais experientes na área, 41,9% dos produtores iniciaram na atividade a menos de 5 anos.

O tempo em que os agricultores desenvolvem a atividade agrícola comparado com o gênero do respondente esta apresentado na Tabela 1.

Tabela 1

Comparação entre o tempo que desempenha a atividade e o Gênero do respondente

		a) Gênero do Respondente		
		Masculino	Feminino	Total
d) Há quanto tempo você desempenha esta atividade	Até 5 anos	25,0%	52,6%	41,9%
	De 6 a 10 Anos	16,7%	15,8%	16,1%
	De 11 a 20 Anos	8,3%	10,5%	9,7%
	Acima de 20 Anos	50,0%	21,1%	32,3%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	

Fonte: Elaborado pelos autores (2017)



Com os dados da Tabela 1 percebe-se que 50% dos homens est3o na atividade a mais de 20 anos, enquanto o inverso acontece com as mulheres respondentes da pesquisa, sendo que 52,60% delas est3o na atividade a at3 de 5 anos. Percebe-se que o maior n3mero de respondentes est3 na atividade at3 de 5 anos, demonstrando a import3ncia que a atividade agr3cola org3nica familiar representa na economia e perman3ncia das fam3lias no campo.

Por3m o que se observa nos dias atuais 3 que a quantidade de integrantes, filhos que auxiliam na atividade n3o 3 t3o grande quanto antigamente, sendo que 83,90% dos respondentes dizem ter at3 2 filhos. Sendo que 12,9% destacam ter de 3 a 5 filhos/enteados e apenas 3,20% dos respondentes t3m mais de 5 filhos/enteados morando na propriedade. Os dados do tamanho da propriedade justificam o termo “pequenas propriedades”, pois 51,60% dos respondentes possuem at3 um Ha de terra destinado 3 produ3o org3nica, 32,30% possuem de 3 a 5 Ha, enquanto 16,10% possuem acima de 5 Ha.

Frente 3s dificuldades encontradas pelos produtores na produ3o de produtos org3nicos 48,40% dos respondentes consideram a contamina3o da produ3o como o fato “dificultador”. Para 19,40% dos agricultores o fator de dificuldade est3 na convers3o da propriedade da atividade convencional para a org3nica, enquanto a falta de apoio por parte do governo 3 considerado por 16,10%. Quanto considerar a produtividade ser menor como dificuldade para a produ3o de org3nicos, esta 3 apresentada por apenas 3,20% dos respondentes, enquanto 12,90% destacaram a dificuldade serem outras al3m das apresentadas na pesquisa.

Verificando as dificuldades encontradas pelos agricultores e o g3nero do respondente, 41,70% dos homens responderam que a principal dificuldade est3 na contamina3o da produ3o por vizinhos, para as mulheres a dificuldade est3 no mesmo quesito apresentando 52,60% das respostas. Quanto a convers3o da propriedade de produ3o convencional para produ3o org3nica 3 destacada como dificuldade para 26,30% das mulheres e 8,30% dos homens. A falta de apoio 3 mencionada por 21,10% das mulheres e 8,30% dos homens. Os dados est3o expostos na Tabela 1 abaixo.

Tabela 2

Compara3o do G3nero do respondente e a dificuldade encontrada para produ3o org3nica.

		a) G3nero do Respondente		
		Masculino	Feminino	Total
G. Qual a maior dificuldade encontrada para produ3o de org3nicos.	Contamina3o da Produ3o	41,7%	52,6%	48,4%
	Convers3o da Propriedade	8,3%	26,3%	19,4%
	Menos produtividade	8,3%	0,0%	3,2%
	Falta de Apoio	8,3%	21,1%	16,1%
	Outros	33,3%	0,0%	12,9%
Total		100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Elaborado pelos autores (2017)

A menor produtividade 3 vista apenas por 8,30% dos homens e n3o foi destacado pelas mulheres, o que destaca que este fator n3o 3 t3o significativo, sendo que a contamina3o da produ3o por vizinhos 3 evidenciada tanto pelos homens quanto pelas mulheres o que confirma a import3ncia do cuidado para que a produ3o n3o seja contaminada com agrot3xicos da produ3o convencional.

Apesar das dificuldades para a produ3o de produtos org3nicos, a mesma 3 realizada pelos agricultores, sendo que a principal justificativa para tal escolha, pela maioria, 3 a melhora na sa3de da fam3lia com 61,30% das respostas. Outro fator levantado 3 a quest3o dos



produtos agregarem valor ao produto, que 32,30% dos agricultores destacam ser o principal motivo pela escolha da producao organica e apenas 6,50% dos agricultores dizem ter trocado a agricultura convencional pela organica por terem se intoxicado na producao convencional.

Comparando o principal motivo para a producao ser de forma organica com a faixa etaria dos produtores a melhora na saude e destacada por 100% dos produtores com ate 25 anos e tambem os com acima de 60 anos, e ainda por 50,00% dos agricultores na faixa etaria de 41 a 60 anos e 37,50% de 26 a 40 anos. Outro motivo destacado e quanto ao produto organico agregar valor ao produto, sendo que 50% dos respondentes na faixa de 26 a 40 anos destacaram este beneficio e 42,90% dos agricultores entre 41 a 60 anos. O fator intoxicacao foi mencionado por 12,50% dos respondentes entre 26 a 40 anos e 7,10% na faixa de 41 a 60 anos, como demonstra a Tabela 3 abaixo.

Tabela 3

Comparacao da justificativa da producao organica e a faixa etaria do respondente

		b) Faixa Etaria do respondente				
		Até 25	De 26 a 40	De 41 a 60	Acima de 60	Total
		Anos	Anos	Anos	Anos	
H. Qual o principal motivo para a producao ser de forma organica.	Agregar Valor	0,0%	50,0%	42,9%	0,0%	32,3%
	Melhorar a saude	100,0%	37,5%	50,0%	100,0%	61,3%
	Por intoxicacao	0,0%	12,5%	7,1%	0,0%	6,5%
	Outros	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
Total		100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Elaborado pelos autores (2017).

Os dados apresentados na Tabela 3 destacam que a melhora com a saude esta presente em todas as faixas etarias, sendo ainda a justificativa para producao ser organica de todos os respondentes que estao na faixa etaria de ate 25 anos e para todos acima de 60 anos, mostrando a importancia para uma alimentacao saudavel.

A agregacao do valor na producao organica, apresentado como justificativa para escolha da producao organica, e comprovada quando os produtores destacam que a renda da familia aumentou com a producao organica, sendo que a totalidade de agricultores, ou seja, 100% destacaram que sim, que houve aumento da receita apos a producao ser organica.

Um dos fatores que auxilia no aumento da renda seria a certificacao de producao organica, por em, apenas 22,60% dos agricultores possuem a certificacao, sendo que a principal dificuldade para conseguir a certificacao e destacada por 16,10%, como sendo a contaminacao da producao por vizinhos, visto que na producao convencional sao utilizados produtos quimicos, agrototoxicos, que nao sao permitidos na producao organica, portando quando os mesmos sao utilizados nas propriedades vizinhas, o vento pode acabar levando para a producao organica.

Para levantamento dos riscos encontrados na producao no que diz respeito a economia, foi questionado aos agricultores qual o risco economico e considerado mais importante pelos mesmos, sendo que, a maioria, 54,80% dos agricultores considera que a concorrncia com produtos convencionais e o principal risco economico, visto que a producao convencional e maior que a producao organica e ainda para combate as pragas os mesmos nao podem utilizar agrototoxicos o que muitas vezes afeta a quantidade produzida. Outro fator apresentado e o valor ser abaixo do preo esperado, com 32,30% das respostas, uma das possibilidades para esta alternativa e pela producao ser entregue para uma associacao e nao direto para o consumidor final. A dificuldade na comercializacao e destacada por apenas 6,50% dos produtores, o que poder ser tambem justificada por terem sua producao com destinacao certa,



a associacao, o mesmo percentual de 6,50% responderam que seria outros os riscos encontrados na producao.

Os dados analisando o tempo de atividade na producao organica, com o fator que consideram relevantes frente ao risco economico da producao organica sao apresentados na Tabela 4.

Tabela 4

Comparacao do tempo na atividade e o fator de risco economico na producao

		d) Há quanto tempo você desempenha esta atividade				
		Até 5 anos	De 6 a 10 Anos	De 11 a 20 Anos	Acima de 20 Anos	Total
L. Quanto ao risco econômico, qual considera mais relevante.	Dificuldades na Comercialização	0,0%	40,0%	0,0%	0,0%	6,5%
	Preço abaixo do esperado	15,4%	20,0%	0,0%	70,0%	32,3%
	Concorrência com produtos convencionais	69,2%	40,0%	100,0%	30,0%	54,8%
	Outros	15,4%	0,0%	0,0%	0,0%	6,5%
		100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Elaborado pelos autores (2017)

O fator de risco econômico em comparação com o tempo que desenvolve a atividade de produção orgânica, como demonstrado na Tabela 4, os agricultores com até 5 anos no cultivo de orgânicos consideram o risco eminente a concorrência com produtos convencionais o fator primordial, com 69,20% das respostas, destacando ainda 15,40% para o preço abaixo do esperado. Para os que desenvolvem a atividade entre 6 a 10 anos consideram 40,00% tanto para a dificuldade na comercialização como para concorrência com produtos convencionais e ainda 20,00% para o preço abaixo do esperado. Os agricultores que estão na atividade de 11 a 20 anos, 100,00% destacam o risco sendo a concorrência com produtos convencionais. Para os produtores que desenvolvem a atividade a mais de 20 anos o principal risco econômico refere-se com 70,00% das respostas, o preço abaixo no esperado e ainda 30,00% para concorrência.

Percebe-se que a concorrência com os produtos convencionais é considerada o ponto forte, indiferente do tempo que os agricultores desenvolvem a atividade. O preço abaixo do esperado está mais presente entre os agricultores que estão a mais tempo na atividade, um dos fatores pode ser pela venda ser direcionada a uma associação e não direto ao consumidor final, porém, como já mencionado, todos os produtores destacam que tiveram aumento na renda com a produção orgânica.

Como limitador do crescimento da produção de produtos orgânicos, 38,70% dos agricultores afirmam que a pouca diversidade de alimentos orgânicos é o principal limitador, para 29,00% o principal motivo é poucas campanhas promocionais de produtos orgânicos, a falta de regularidade na oferta de alimentos orgânicos é destacada por 22,60%, produtores, 1 produtor mencionou a redução no mercado para expor o produto orgânico, enquanto 6,50%, responderam as limitações serem outras.

Na Tabela 5 faz-se uma comparação entre os quesitos limitadores para o crescimento da produção orgânica e o grau de instrução dos respondentes.



Tabela 5

Comparação entre os quesitos limitadores do crescimento da produção e o grau de instrução

		C. Nível de Formação				
		Ensino Fundamental	Ensino Médio	Ensino Superior	Pós-graduação	Total
M. Qual o principal fator considera limitador para o crescimento da demanda de produtos orgânicos?	Falta de Regularidade na oferta	26,3%	16,7%	0,0%	33,3%	22,60%
	Pouca diversidade de orgânicos disponíveis	36,8%	33,3%	33,3%	66,7%	38,70%
	Falta de campanhas promocionais	36,8%	0,0%	66,7%	0,0%	29,00%
	Falta de espaço para expor no supermercado	0,0%	16,7%	0,0%	0,0%	3,20%
	Outros	0,0%	33,3%	0,0%	0,0%	6,50%
Total		100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,0%

Fonte: Elaborado pelos autores (2017)

Os limitadores para o crescimento da produção orgânica em comparação com o grau de instrução dos agricultores, como apresentado na Tabela 5, demonstram que indiferente do grau de instrução, todos consideram a pouca diversidade de produtos orgânicos disponíveis como um fator preocupante, sendo que para os agricultores que possuem pós-graduação, incompleto ou completo, é o primordial motivo com 66,70%. Para os que cursaram o ensino superior concluindo ou não, o principal motivo com 66,70% é a falta de campanhas promocionais de produtos orgânicos. Os agricultores com ensino médio completo ou incompleto houve uma variação entre as respostas, sendo que 33,30% consideraram a pouca diversidade como primordial, e ainda 16,70% responderam a falta de regularidade e o mesmo percentual a falta de espaço para expor no supermercado. Os produtores que cursaram apenas o ensino fundamental as questões limitadoras também variam sendo que 36,80 consideram a pouca diversidade e também a falta de campanhas e 26,30% a falta de regularidade.

As desvantagens para continuidade na produção orgânica são destacadas por 32,30% dos agricultores como sendo a quantidade da produção ser menor que na produção convencional, o mesmo percentual, 32,30%, considera a falta de recursos para investimentos a principal desvantagem para seguir na atividade, enquanto 6,50% dos produtores, afirmam ser a dificuldade para conseguir a certificação de produção orgânica. O fato da dificuldade da certificação ser apresentada apenas por 6,50% agricultores, pode ser justificada pelo fato dos mesmos destinarem grande parte da produção para a merenda escolar, que não obriga a certificação, sendo necessário apenas ser de produção familiar. Outros 6,50% consideram serem outras as desvantagens.

Para amenizar os riscos que estão presentes na produção, verificou-se se os agricultores realizam algumas gestões na propriedade, sendo que 48,40% deles destacam a diversificação como principal atividade realizada para amenizar as perdas, este fator se justifica por serem propriedades com produção orgânica. Outro ponto destacado foi à contratação de seguro agrícola, utilizado por 22,60% dos produtores, enquanto a irrigação e casos de seca prolongada, destacada por 16,10% dos produtores. Os produtores que afirmam ter uma reserva financeira para ser utilizada em casos de perda, são apenas 9,70%, e ainda 3,20% dos produtores não optou por nenhuma das alternativas apresentadas.

Para comparar a gestão de risco realizada nas propriedades com a faixa etária dos agricultores, elaborou-se a Tabela 6.



Tabela 6

Comparação entre gestão de risco desenvolvida e faixa etária dos agricultores.

		b) Faixa Etária do respondente				
		Até 25 anos	De 26 a 40 anos	De 41 a 60 anos	Acima de 60 anos	Total
O. Qual o principal tipo de gestão de risco na propriedade para evitar perdas econômicas	Seguro agrícola da produção	0,0%	25,0%	28,6%	12,5%	22,60%
	Reservas financeiras	0,0%	0,0%	7,1%	25,0%	9,70%
	Diversificação da produção	100,0%	25,0%	57,1%	50,0%	48,40%
	Irrigação em casos de seca	0,0%	37,5%	7,1%	12,5%	16,10%
	Contratos de venda garantida	0,0%	12,5%	0,0%	0,0%	3,20%
	Outros	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,00%
Total		100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100%

Fonte: Elaborado pelos autores (2017)

A gestão de risco realizada pelos agricultores, comparada com a faixa etária dos mesmos, como demonstrado na Tabela 6, mostra que apenas os agricultores acima de 41 anos reservam parte da renda para possíveis perdas na produção, e ainda assim um número baixo de produtores. A diversificação na produção é realizada por todos indiferente da faixa etária.

Os avanços tecnológicos, como os maquinários e ferramentas são considerados por 64,50% dos agricultores como auxiliares na melhoria da produtividade da produção orgânica e melhorando a competitividade, 29,00% dos produtores destacam não saber se estas tecnologias realmente auxiliam, enquanto 6,50% consideram ser indiferentes para melhoria na produção.

5 Considerações finais

Como objetivo deste estudo foi proposto em avaliar a percepção dos agricultores frente ao risco de continuidade da produção. Sendo verificada a percepção frente a risco econômico, sustentável e frente aos produtos convencionais.

Foram levantados dados através de aplicação de questionário e após análise dos dados verificarem qual a percepção de risco de continuidade na propriedade. Respondendo o questionamento da pesquisa, de qual a percepção de risco de continuidade da produção dos agricultores familiares, conseguimos evidenciar que a produção orgânica é de suma importância para a continuidade das famílias na atividade rural, pois 100% dos agricultores destacaram que tiveram aumento na renda com a comercialização de produtos orgânicos.

Analisando os riscos, seguindo os passos descritos na ISO: 31.000 (2011), ou seja, a identificação, com posterior análise e finalizando com a avaliação de possíveis ações a serem realizadas para ameniza-los, é possível dizer que como identificação do risco os produtores ponderam a concorrência com produtos convencionais o principal fator. Quanto a avaliação dos riscos consideram pouca diversidade de produtos orgânicos e a falta de recurso para investimentos.

Após a identificação e análise dos possíveis riscos existentes, os produtores destacam que as ações realizadas para amenizas os riscos advindos da produção é a diversificação, sendo apontada por 48,40% dos produtores.



Fazendo a comparação da gestão dos riscos desenvolvidas na propriedade e a faixa etária, levantou-se que apenas os agricultores com idade acima de 41 anos possui reserva financeira no caso de acontecer algo inesperado com a produção e ocorrer a perda da mesma.

Outro fator importante, a comercialização através de associação, que auxilia na destinação da produção, visto que, apesar dos agricultores afirmarem que o valor recebido é menor do que o esperado, 100% dos respondentes destacaram que a renda aumentou com a produção orgânica e ainda agrega valor ao produto.

Os preços recebidos serem abaixo do esperado representa um risco econômico para 70,00% dos agricultores que estão na atividade a mais de 20 anos, já para os produtores que estão na atividade de 11 a 20 anos o risco primordial é a concorrência com os produtos convencionais, destacado por 100,00% dos respondentes.

Como limitação da pesquisa destaca-se a coleta dos dados ter sido realizada apenas com associados de uma associação de produtores orgânicos. Portanto para estudos futuros, visto a importância do tema, pelo fato de os produtos orgânicos agregarem valor a produção e consequentemente aumentar a renda das famílias, assim permitindo a permanência dos agricultores no campo, é abranger a pesquisa com demais produtores, ou ainda em outra associação para realizar uma comparação entre a percepção dos dois grupos.

REFERÊNCIAS

- Atamanczuk, M. J., & Gasparelo, E. P. (2015). Gestão de Risco na Produção Agrícola: uma análise a partir de beneficiários do Proagro. Congresso Internacional de Administração. Ponta Grossa – PR.
- Alves, A. F., & Guivant, J. S. (2010). Redes e Interconexões: desafios para a construção da agricultura sustentável DOI: 10.5007/1807-1384.2010 v7n1p1. *Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis*, 7(1), 1-27.
- Arantes, J.T. (2014). Pesquisa investiga inovação tecnológica na agricultura orgânica. Agência Fapesp. Disponível em: http://agencia.fapesp.br/pesquisa_investiga_inovacao_tecnologica_na_agricultura_organica/18486/. Acesso em 16 jun. 2017.
- Assis, R. L. D., & Romeiro, A. R. (2005). Agroecologia e agricultura familiar na região centro-sul do estado do Paraná. *Revista de Economia e Sociologia Rural*, 43(1), 155-177.
- Boff, L. (2014). Sustentabilidade: o que é: o que não é. Petrópolis: vozes.
- Camarotto, M. R., Leismann, E. L., Melo, C. O., Mioranza, C., Carvalheiro, E. M. (2015). Family agriculture and pornaf costing: (un) equal distribution in the brazilian rural area. *Business and Management Review*, ISSN: 2047 - 0398.
- Caporal, F. R.Org. (2009). Extensão rural e agroecologia: temas sobre um novo desenvolvimento rural, necessário e possível. Brasília – DF, 398 p. : il..
- Cardoso, J. D. F., Cauchick Miguel, P. A., & Casarotto Filho, N. (2015). INOVAÇÃO NA AGRICULTURA BRASILEIRA: UMA ANÁLISE DA LITERATURA. *GEINTEC-Gestão, Inovação e Tecnologias*, 5(4), 2495-2510.
- Cardoso, N. (2016). O recado da terra. *Jornal do centro de apoio e promoção da agroecologia*. Ano XX, nº 42.
- CONAB. A importância da agricultura familiar no desenvolvimento dos municípios. *Revista Agropecuária*. Disponível em: <http://www.revistaagropecuaria.com.br/2012/10/26/a->



- importancia-da-agricultura-familiar-no-desenvolvimento-dos-municipios/. Acesso em 01 jun. 2017.
- Costa, C. G. F., Holanda, A. K. C., & Díaz-Ambrona, C. G. H. (2016). RIESGO, INNOVACIÓN Y DESARROLLO EN UN CLIMA CAMBIANTE: EL PAPEL DE LAS POLÍTICAS DE PREPARACIÓN PARA SEQUÍAS Y GESTIÓN DE RIESGO DESASTRES EN CEARÁ, BRASIL. *Revista de Gestão Ambiental e Sustentabilidade*, 5(3), 87.
- da Silva, C. R. R., & Leismann, E. L. (2017). Análise da percepção dos envolvidos sobre a sustentabilidade ambiental da soja no Oeste do Paraná. *Revista Competitividade e Sustentabilidade*, 3(1), 1-10.
- Damasceno, S. M. B., de Aquino, D. S., Vasconcelos, P. H., dos Reis, D. R., & Barcelos, A. D. (2011). Sustentabilidade no foco da inovação. *Revista Gestão Industrial*, 7(3).
- Dogliotti, S., García, M. C., Peluffo, S., Dieste, J. P., Pedemonte, A. J., Bacigalupe, G., Scarlato, m., Alliaume F., Alvarez J., Chiappe M & Rossing, W. A. H. (2014). Co-innovation of family farm systems: A systems approach to sustainable agriculture. *Agricultural Systems*, 126, 76-86.
- Estender, A. C., & Pitta, T. D. T. M. (2008). O conceito do desenvolvimento sustentável. *Revista Terceiro Setor & Gestão-UnG*, 2(1), 22-28.
- Gehlen, I. (2004). Políticas públicas e desenvolvimento social rural. São Paulo em Perspectiva, Vol. 18 nº 2.
- ISO, N. T. C. N. 3100. (2011). *Gestión del Riesgo, Principios y Directrices*.
- Klann, R. C., Kreuzberg, F., & Beck, F. (2014). ATORES DE RISCO EVIDENCIADOS PELAS MAIORES EMPRESAS LISTADAS NA BM&FBOVESPA. *Revista de Gestão Ambiental e Sustentabilidade*, 3(3).
- Lima, O. O. (2005). Gestão de riscos na Agricultura Orgânica. 1º *Simposio Internacional em Gestão Ambiental e Saúde, Santo Amaro*. Disponível em: < <http://www.planetaorganico.com.br/art.odair.htm>>. Acessado em, 15 mar. 2017.
- Ministério da Agricultura, pecuária e abastecimento, (2016). Associativismo rural. Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/assuntos/cooperativismo-associativismo/associativismo-rural>. Acesso 18 de jun 2017.
- Neto, N. De C., Denuzi, V. S. S., Rinaldi, R. N., Staduto, J. A. R. (2010). Produção orgânica: uma potencialidade estratégica para a agricultura familiar. *Percorso-Nemo*, 73-95.
- Redin, E. (2015). Construção social de mercados: a produção orgânica nos assentamentos do Rio Grande do Sul, Brasil. *Interações (Campo Grande)*, 16(1).
- Santos, J. G., & Cândido, G. A. (2013). Sustentabilidade e Agricultura Familiar: um Estudo de Caso em uma Associação de agricultores rurais/sustainably and family agriculture: a Case Study in a Rural Farmer Association. *Revista de Gestão Social e Ambiental*, 7(1), 69.
- Santos, C. F. D., Siqueira, E. S., Araújo, I. T. D., & Maia, Z. M. G. (2014). A agroecologia como perspectiva de sustentabilidade na agricultura familiar. *Ambiente & Sociedade*, 17(2), 33-52.



- Savoldi, A., & Cunha, L. A. (2010). Uma abordagem sobre a agricultura familiar, PRONAF e a modernização da agricultura no sudoeste do Paraná na década de 1970. *Revista Geografar*, 5(1).
- Scharf, R. (2004). *Manual de Negócios Sustentáveis*. São Paulo, Amigos da Terra.
- Sepulcri, O. (2011). Gestão de Risco na Agricultura. *Paraná: EMATER*. Disponível em: <http://www.emater.pr.gov.br/arquivos/File/Comunicacao/Premio_Extensao_Rural/2_Premio_2006/18_Gestao_Risco_Agric.pdf>. Acesso em, 15 mar. 2017.
- Tomei, P. A; Souza, D. A. A. L. (2014). Análise das barreiras que dificultam a transformação do agricultor familiar em empreendedor rural no contexto brasileiro. *Revista Ibero-Americana de Estratégia – RIAE*. 13 (3).
- Weber, J., Morgan, A., Winck, C. A. (2016). *Empreendedorismo Rural Sustentável no contexto do oeste catarinense: um estudo de caso no município de Guatambu*. IX Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo e gestão de Pequenas Empresas. Passo Fundo – RS.
- Wilkinson, J. (2013). A agricultura familiar ante o novo padrão de competitividade do sistema agroalimentar na América Latina. *Estudos Sociedade e Agricultura*, 1.agement, 9(1), 39-60.